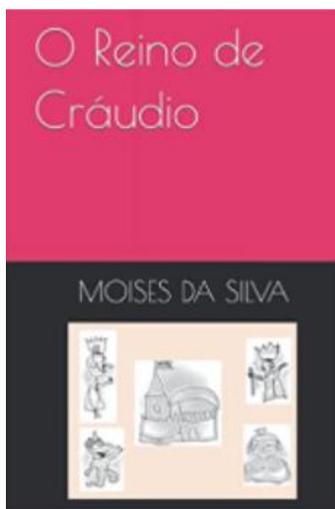


O Reino de Cráudio (Portuguese Edition) Hardcover – Large Print, April 3, 2022

Portuguese Edition by Prof **MOISES LOPES DA SILVA** (Author)



Product details

- **ASIN** : B09WYLPGXJ
- **Publisher** : Independently published (April 3, 2022)
- **Language** : Portuguese
- **Hardcover** : 85 pages
- **ISBN-13** : 979-8444434000
- **Item Weight** : 6.4 ounces
- **Dimensions** : 6 x 0.39 x 9 inches

Epígrafe

Que seja banal, posto na lama, para que seja mortal enquanto perdure!

Vícios de Moral

Antes de tudo...

Havia um Reino... o seu rei se chamava Cráudio. **E**ste reino foi construído no meio de uma bagunça muito grande causada pelo rei, rainha e amigos que se tornaram estrelas imortais as



quais passaram a observar os mortais desta terra. **E**sse reino era feito de ideias de pessoas que mandavam, juntamente com a falta de ideias das pessoas que obedeciam.

Um médico louco analisou a realidade do povo e mandou para o hospício do reino todos que viviam na cidade e nem mesmo o médico escapou da internação no hospício.

A ciência provou que sabia dar ordens e

conduzir tudo aquilo que se perdeu e nunca mais se achou. Cráudio e seu reino está entre nós. A admiração exigida de boa vontade atraía a obediência de todos sem causar constrangimento generalizado. A forma dura de impor ideias fez com que não houvesse progresso, também não houve ordem; tornando desnecessário questões bem fundamentadas e foi assim que a pauliceia desvairou.

UM CRASSO
DA
LITERATURA

Psiu!

Querido leitor, caso você perceba nesta leitura alguma personagem que pense como você, então poderá seguir o exemplo dela na sua vida para que possa participar dos benefícios de uma inteligência superior que consiga perceber o que está escrito nas estrelas. Bem ou mal



são pontos de vista cegos que podem depender de percepção privilegiada através dos olhos da aprovação que satisfaz de alguma forma, contanto que se perceba.

As leis de um reino serão sempre boas se a visão das pessoas que sofrem por causa delas se ajustarem a elas, pois, teríamos alguma certeza da necessidade de se fazer assim aquilo que era clássico, mas que se tornou em um crasso equívoco.

O autor.

UM REINO FANTÁSTICO

Era uma vez quando tudo se fazia na imperfeição do pretérito duvidoso por natureza. **C**ontudo, o tempo presente é o que temos para indicar o que poderíamos fazer naquele pretérito de futuro que mais parece um tempo que passou, sem esperança de uma nova oportunidade de fazer o que poderia ter sido feito. **U**ma situação bêbada, ébria e nada sóbria sobre sobras de verdades que se reproduziriam numa dimensão mística.

Os princípios no reino de Cráudio foram construídos neste tempo embriagado e fantástico para àquele que exagera nos goles.

Uma psicologia que não discrimina a pseudologia fantástica e nem a trata como algum distúrbio mental, pois uma mente mentirosa seria necessária aos bons costumes acostumados a ética de uma análise fantástica.



Era um poder que podia construir formas de se ver uma vida que não seria jamais a eterna, pois era arbitrariamente convencionada com leis que não estavam resumidas em duas somente e eram mais do que dez, além de serem flexíveis, pois não estavam escritas em tábuas de pedra.

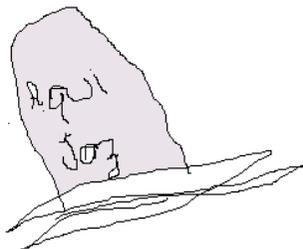
Havia ainda a possibilidade de ler o destino através das ideologias que as tais leis flexibilizavam tornando múltiplas e até infinitas as possibilidades de se cumpri-las contanto que se cumprisse o que fora determinado na embriaguez de um ideal para a libido.

As leis no reino de Cráudio lançavam as bases dos decretos ali produzidos para degustação; com o objetivo de atender aos gostos de súditos sem paladar, mas desejosos de dar sabor a degustação do rei.

Os decretos craudianos davam poder, tanto necessário quanto desnecessário, a todo aquele podia imaginar-se poderoso num pretérito de futuro que daria, proporcionaria, fundamentaria tudo o que se imaginaria, e assim, tudo poderia tornar fato um ato que seria fantástico; um poder cósmico e sem a pretensão de querer explicações simples.

Portanto, os processos produzidos nas tais perspectivas apontavam sempre para veredictos pseudólogos próprios de uma convenção fantasticamente constituída.

○ mais importante é que eram bem legais e bacanas todas aquelas ações legalmente mistificadas, pois, se não eram totalmente verdadeiras, as partes que eram trariam conforto à alma vivente e nenhum desconforto à alma que não tivesse o mesmo veredicto.



Incrivelmente, todo o poder das causas que geravam os fantásticos efeitos de uma sabedoria superior advinda das forças cósmicas e místicas que embora pareçam opostas a qualquer sistema sóbrio, não poderiam ser de fato nem assim e nem assado.

Todos, sem qualquer discriminação, participariam dos efeitos cósmicos para que o glamour deste reino estivesse sempre adequado àquele que o detinha pela força da sabedoria que seria incapaz de ser alcançada por uma humanidade que não houvesse incorporado experiências atemporais férteis de qualidades imaginadas.

Talvez um reino que proporcionasse um tipo de fuga incrível; fuga dos problemas psicológicos gerados por inteligência sóbria que não fez, e ainda não é sabido se fará parte daquele estado de coisas regidas por Cráudio perpetuado nos conselhos de Cráudia.

Tais conselhos apresentavam a essência de sua origem, ajustados ao que se queria ditar; não apenas com palavras distanciadas da lógica nelas contida, mas também com movimentos involuntários que as fundamentavam.

Tal distanciamento, contudo, é sempre adequado a qualquer reinado que adquira tais prerrogativas; para que se evite nesta narrativa redundâncias repetitivas e nem por isso necessárias. **○** importante foi a luta de classe que suas amigas perpetuaram com muita fidelidade aos dogmas do reino.

Cráudia ciente de sua missão em estabelecer fundamentos que não impedisse sua visão idealizada no amor platônico capaz de ver o que não se via sem a necessária abdução percebia sua imagem refletida no castanho negro estrábico do olhar de Cráudio.

Tal olhar estabelecia o fundamento de negar sua existência biológica na ciência de existir apenas naquele olhar difuso e diverso.

Cráudio era voluntarioso, seus movimentos traziam sequências desconexas com as expressões das faces que, também eram independentes dos olhos que não se entendiam muito bem nos olhares que faziam para o além.

Este algoritmo de ações inspirava as ações de Cráudia que devolvia ao meio a unidade esperada por todos que viviam, pois aqueles que morriam se uniam em outro reino.

Cráudia ia cada vez mais mergulhando nas profundezas das suas próprias entranhas que se emancipavam da matéria, tão desnecessária a metafísica dos costumes. **A** antropofagia do elo que se perdeu da lógica, do bom e do mal senso, pois a ideologia da falta de senso de qualquer espécie era o princípio da ciência e da lei no Reino de Cráudio.

Na profundidade do Mar Morto daquele negro olhar, ainda que com muito tempero a superfície distante não a deixava ver com clareza através do espesso cristal líquido, instável, que não se definia em nada, mas dava possibilidade a tudo.

Cráudia percebia as verdades da ausência de qualquer sentido através de uma vida de contemplação.

o tempero salgado insalubre eliminava os germes da possibilidade de pensamentos próprios, protagonizados e que poderiam se arriscar numa percepção de um outro reino que buscasse atrair o belo afeiçoado ao conceito de singeleza, pureza de alma, inocência e de outras simplicidades capazes de fomentar, esperanças de algo melhor.



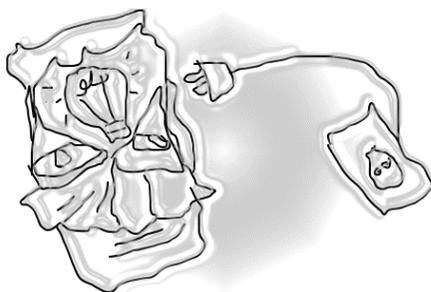
○ reino de Cráudio estaria sempre seguro no cuidado platônico advindo do amor de Cráudia, garantia prosperidade para que próspero fosse um amor digno de ciência que pudesse contemplar naquela estrábica forma de ver abundantemente os motivos do reino. Cráudia estaria, também, sob a contemplação do olhar de Cráudio não fosse a dificuldade de foco.

Cráudio era um observador um tanto curioso e outro tanto isento de conclusões relevantes. Ele estava sempre atento às respostas contrárias de seus súditos, fatais à beleza de suas prerrogativas tão comuns àqueles que morriam.

VIRTUDES E ESTRATÉGIAS DO REINO

A virtude mais forte de Cráudio era não se deixar abater. **S**ua força era sua perseverança na força de sua principal virtude. **S**ua maior preocupação era seus sonhos que lhe roubava o sono nos momentos em que Arturito brilhava.

Ali Babá e seus quarenta incompreendidos pela sociedade opressora, o nariz de Pinóquio que apontava para a derrubada de nossas árvores eram virtudes e valores que se somavam a moral do reino.



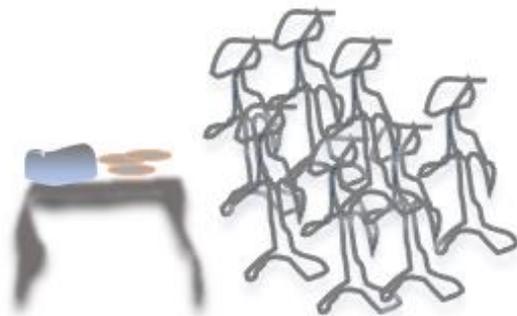
Otro dom precioso de Cráudio era garantir um totalitarismo saneado, mas para que o total não fosse desprezado todos faziam parte da soma. **A** limpeza daqueles que não se somavam às virtudes do reino era o que motivava a busca da vida naqueles cientes de que o cosmos continua sendo tudo aquilo que não dá para descosmificar.

Cráudio agia com a precisão dicotômica entre a flexibilidade e a rigidez - dualidade abundante que fazia paralelo com sua visão estrábica.

Mesmo sem palavras que pudessem vir com qualquer significado ele sempre sugeria segundos antes de exigir.

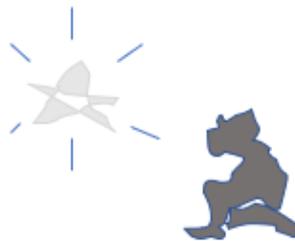


Estes se manifestavam nas queimadas de pneus, pois preservavam as árvores, nas passeatas milagrosas onde as grandes mídias com suas varinhas faziam multiplicar os homens a vista de todos os desocupados, somente o pão e a mortadela não se faziam notar com abundância e isso era irritante.



O BENEFÍCIO DA DÚVIDA

A glória cósmica ofusca até os corpos celestes que disputam espaço de sobra com as personagens de Drummond, amigos de Macunaíma. **A**stros que vieram de lugar inferior, se elevaram e se perderam na imensidão gloriosa do ser ou não ser onde o ser nunca foi a questão. **A** escuridão os fazem resplandecer como estrelas cujo brilho não mostra, mas ofusca como uma singela intenção de ocultar sem esconder, um desejo desesperado de mostrar coisa alguma.



○ bem e o mal na literatura verossímil não seria mentirosa se percebido fosse a intenção verdadeira, só assim a estética se constituiria numa base justificável, pois ainda que não fosse justa, seria ajustável ao universo e ao ritmo para fruir ou para refugiar-se num poema de dístico contrastante entre a luz e as trevas.

Cráudio não ousava duvidar do dom que possuía, pois sabia que a descrença é um pecado mortal para todo aquele que necessita crer para viver. Assim, certo de ser prerrogativa sua uma sabedoria que não se possa demonstrar, ele cria naquilo que não via.

Os hereges que não criam eram saneados no fogo que purificava da morte o que na vida não seria possível.

Os fiéis viviam sempre limpos de qualquer contaminação de um pensamento autônomo e o benefício da dúvida era a certeza de não ir para o purgatório.



UM DOM PRECIOSO

Nunca foi intenção de Cráudio declarar dom tão precioso diante dos olhos de imbecis e escrotos, incapazes de assentarem-se em terra que fosse deles próprios. **P**or isso, não seriam capazes de perceber a luz da estrela que tremulava ao vento no reino de Cráudio.

Tal ausência de percepção dos incapazes não podia eliminar a crença que Cráudio tinha de que sua existência era para a vida o motivo dela própria existir. Seus súditos bem sabiam que tudo estava escrito nas estrelas.

Uma tal inteligência guardada no oráculo fazia companhia àquela sabedoria que se apresentava superior no reino, pois, ainda que suas características ofuscantes não tornassem nada claro, nem definisse coisa alguma, elas eram superiores a qualquer lógica e a qualquer entendimento, simplesmente, por uma tal metafísica de costume que se acostumou a ser assim, ainda que nada disso justificasse.

Cráudio apresentava características dignas de espanto e de horas de observação para que mortais pudessem usufruir dos benefícios da dúvida, pois mesmo que buscassem com perseverança jamais se fariam compreendidas.

Hereges chamariam tais características de doença psicológica que não se basta em virtudes por não serem hostis a ignorância, aliás, independentemente de ser, e esta era a questão no reino.

Cráudio praticava ações capazes de converter incrédulos e fazê-los confessar publicamente a certeza de que suas vidas dependiam de sabedoria tal para que pudessem trabalhar em prol daqueles que não foram agraciados com a ausência de reflexões críticas e questionamentos com o fim de convertê-los de tal presunção. **A**nalisar tais ações já seria uma grande presunção.

Quando Cráudio falava, ele não



apenas emitia sons
incapazes de serem
identificados, mas,
também, exalava
odores que

indiscriminadamente se faziam notar. **T**ais características somavam-se a muitas outras que aos olhos dos plebeus, sempre atentos ao aprendizado para que não perdessem mais nada que ainda não lhes houvesse sido subtraído.

Essas características eram apenas singelas demonstrações de outro dom superior, o dom da união ou da unificação dos atributos cognitivos de seus súditos ao seu de forma a pensarem todos o mesmo, pois esse aumento do poder do pensamento é essencial ao fortalecimento dos corpos que não brilham, mas apenas refletem o brilho da estrela do reino, pois, se a imaginação encontrar meios independentes, haveria certamente prejuízo a todos os seus benefícios.

Cráudio conhecia muito bem e, por isso era guardião responsável para que as tais benesses do oráculo não fossem destruídas na vida de muita gente que sem ter tido direção definida poderia continuar assim.



A BONDADE DE CRÁUDIO ERA A SUA BANDEIRA

Cráudio na totalitária bondade cujo olhar percebia duas vezes mais praticava obra de misericórdia dando bolsas de estudo em todas as escolas do reino que foram agraciadas com base comum curricular e que totalizava diversidade libertadora gêneros que libertavam os súditos da razão que oprimia, da lógica que impunha verdades, da reflexão que mostrava opções adversas. **O**s fiéis faziam tremular a estrela dando aos alunos a libertação de competências hereges que se pudessem construir.

Ainda que a característica principal do reino fosse pretender fazer brilhar todo o fulgor da estrela naqueles que a merecessem, a bondade de Cráudio nivelou as coisas por baixo afim de que não seja tirado o privilégio do mais imbecil e escroto de servi-lo.

Cráudio era um rei inconscientemente desejado por todos, por isso ele dedicou toda a sua vida fazendo seus súditos terem consciência de suas prerrogativas.

A fonte cósmica era a única capaz de mistificar conceitos de lógica irracional com àquela clareza que ofusca sempre segura numa suposta inteligência sem pretensões cognitivas.

A sabedoria cósmica sabe ser ela própria à única base onde se fundam os conceitos do oráculo. **Ú**nica não porque não haveria outra, mas porque se houvesse seria saneada, o que resultava sempre no aumento da devoção e do amor que se não fosse platônico não convenceria as ações a serem livres da razão e da opressão que ela poderia gerar.

Uma coisa em especial chamava a atenção do rei, um amor incompreendido que lhe fazia refletir nas alegrias indeterminadas de **C**ráudia que estava sempre rindo de tudo e para todos sem nunca saber o porquê.

Cráudia apresentava nobre postura inclinada para esquerda devido a um desvio estético na espinha dorsal somado aos movimentos que, se voluntários ou involuntários, não mais se distinguia.

Cráudio admirava a clonicidade dos TOCs que lhe revelavam a aprovação dos deuses do olimpo.

Cráudia contagiava todo o reino dando padrão ao movimento das mulheres na busca de linguagem que pudessem descrever com sons incertos certas intenções de estética adversa de tudo o que era comum, lógico ou biológico.

Os sons incertos que emitiam o movimento faziam certos aos plebeus os motivos superiores daquele que se importava apenas com coisas que tem origens superiores para agraciar aos inferiores com aquela luz que ofusca e liberta da opressão da inteligência.

A nobreza do reino havia sido forjada na dura batalha entre as bases que constroem integralmente o ser que aprende a aprender com aquele que lhe doutrina um costume que, se não for verdade pura, a pureza da antropofagia isenta de moral exaltaria a libido freudiana ao nível do acasalamento indefinido.

Não havia rodeios clássicos ou piegas de uma musa que se apresentasse no talvez, pode ser que sim, pode ser que não; causando ao consumidor o falso senso de mercadoria com boa qualidade. **A** burguesia do reino se deleitava na empreitada desse comércio.

Cráudio pelas próprias prerrogativas de sua sabedoria superior era incapaz de se ver incompreendido por gente em quantidade suficiente para alimentar uma esperança qualquer de liberdade de consciência.

A compreensão que Cráudio tinha das coisas se dava justamente pela visão cósmica que lhe fora dado como um dom nato, o que nem por isso fez com que a dor do parto viesse sem desgosto profundo a sua mãe que bondosamente o doou.

Ele sempre sabia demonstrar de forma muito persuasiva que suas leis, na realidade, eram conceitos místicos de um cosmo cuja descosmificação resultaria em pena capital, mas nada se fazia de forma impositiva, pois lhe era natural fazê-lo o que quer que desejasse. **A**ssim empenhava-se arduamente em doutrinar naturalmente os hereges do reino.

A multiforme visão de Cráudio ampliada por um leve estrabismo de nascença que proporcionava a ele uma possibilidade de concentração visual nasal colaborava com as nuances nasais inatingíveis de qualquer significado, contudo, eram naturais de Cráudio.

Cráudio apresentava constantemente um tono avermelhado no amarronzado cor de quem não apenas coloca o sentimento naquilo que faz, mas também combustível naquilo que toma.



Contemplar-lhe as faces rosadas, cheias de vontade de dar um rumo superior aos estados inferiores do universo que visitava, sempre orientado pelo fórum que financiava com os cofres do reino.

A importância desse fórum para o currículo da base comum era sem precedentes, era a bandeira que os doutrinados tremulava agitando movimentos estudantis imersos na mesma base comum e livres da opressão da razão.

Um sentimento de gratidão se materializava em popularidade escassa que o isentava de quaisquer provas, fatos ou evidências.

A mercadoria da burguesia era sempre abundante. **S**ua pouca embalagem agregava valor único, pois seria o único valor que interessava ao lucro da burguesia; sempre atenta a mídia devota aos elementos sagrados que as tais mercadorias ocultavam nas suas partes internas que, talvez, algum dia tivessem sido nobres.

A vitrine se estendia para as calçadas, praças públicas, porta de mercados onde a exposição dramática atraía moscas, baratas e outros insetos que pela qualidade do produto não diminuía a atenção dos devotos.



Um dos grandes dons de Cráudio e talvez o maior de todos por ser o único capaz de abduzir aos plebeus era o cuidado com a aprendizagem significativa, pois significava muito para o avanço de seu reino.

Aprender a aprender e a ser doutrinado trazia consigo o aprender a fazer para que se fizesse os desejos de Cráudio e assim a zona da convivência era potencialmente totalitária. **P**roporcionar tal unidade em seu reino era, sem dúvida alguma, outro grande dom.



A devoção que os conversos manifestavam na forma de conduzir os hereges ao saneamento do reino era a competência chave da base comum de todo o aprendizado do reino.

Cráudio se fazia ouvir por maneiras naturais, mas enfatizava outras pelo mesmo fato de não ter sido nem a língua, nem a fala agraciadas com a estrutura cósmica da competência linguística naquela mente que era pura incompatibilidade com as mentes inferiores que acariciavam o desejo de entender as coisas que Cráudio apregoava solenemente.



○ bem comum era a garantia da paz que não faz o que se poderia fazer se a doutrina não superasse a aprendizagem e, por isso uma tal ciência provinda da base comum curricular era próspera e servia a uma diversidade de gêneros que se identificavam com o reino.

A saúde era bem guardada pela ciência e, de fato, não poderia haver ciência ali se esta não fosse autenticada na inteligência e sabedoria contida no oráculo sagrado do reino que controlava as doenças com tanto esmero que sempre faltava tempo para promover a saúde ou medicamentos eficazes.

Cráudio percebeu rapidamente que a promoção de tratamentos precoces com medicamentos eficazes interfeririam no controle das doenças e diminuiria o tempo gasto com problemas, e assim, rapidamente fez leis que punissem severamente hereges que não bebessem do oráculo da ciência de seu reino.



Hereges teciam explicações construídas com resultados lógicos, claros e muitas vezes apresentados de formas simples e, por isso, Cráudio não poderia permitir que sua inteligência mística e cósmica disputasse preferência com uma suposta inteligência tão simplória que qualquer pessoa pudesse perceber e entender os motivos das causas apresentadas. **C**ontudo, a heresia ainda maior consistia em usar argumentos com base nos motivos e não nas causas que eram as únicas que de fato apareciam, ainda que não interessassem e assim, as mentes dos plebeus na sua inferioridade eram

incapazes de entenderem atos aparentes, porque preferiam perceber os motivos ocultos. **T**ais ações, sem dúvida alguma, necessitavam de profundo saneamento.

A grandeza do mal que poderia ser causado ao reino pela desconstrução da competência chave de sua base comum curricular seriam pecados mortais e, por isso, a sua erradicação era tão necessária para que não proliferasse vida cognitiva fazendo com que a libertação da opressão da razão não fosse mais desejada e, conseqüentemente, a redução da diversidade fosse tão radicalizada ao ponto de reduzirem à ciência biológica ao X e ao Y.

A história, provavelmente, jamais levante um monumento a Cráudio, contudo a maior recompensa para aqueles que sempre fizeram suas próprias recompensas não seria mesmo outra senão a abdução àquela visão cósmica, mística, superior e que levasse a razão de um lugar para outro sem rumo e sem a mínima pretensão de contribuir de alguma forma com alguma coisa a alguém em alguma época para que a atemporalidade diacrônica histórica não responsabilizasse a temporalidade sincrônica de recortes que beberam na fonte do oráculo do reino.

Cráudio era um ser completo, por ser completamente assim.



○ AMOR DE CRÁUDIA

○ aspecto físico de Cráudio apresentava uma formação craniana cuja testa avançava até ao lobo parietal com carapinhas que ficavam mais tímidas ao centro. **A**s amígdalas dos lobos laterais eram agraciadas com orelhas de grande porte com captação não prolífera, contudo, nenhuma falta aparente incomodava a manipulação dos nove dedos ou na rouquidão agraciada com a língua que nunca conheceu a liberdade.

A cor de olhos não importavam tanto, eram comuns, mas o que transmitiam lembrava a opacidade do Mar Morto bem como o sabor do sal em abundância.

 **E**stas imagens foram por demais estonteantes para Cráudia, que se tornou rainha apaixonada não porque simplesmente amava, mas porque a ofuscante luz do cosmo a cegou a ponto de fazer qualquer coisa que não soubesse o que fosse, mas fosse qualquer coisa que lembrasse os raios do sol se esforçando para refletir no fosco opaco da imensidão daquele mar que não era maior do que a visão platônica de Cráudia. **P**or isso não precisava perceber coisa alguma para sentir

que estava ali toda a glória que buscava. **E**la vivia o altruísmo dos amantes desconexos do mundo e da razão. **T**ais prerrogativas amorosas platônicas oprimem a inteligência e libertam para o desejo de reproduzir bens superiores para a humanidade.



OS AMIGOS DE CRÁUDIO

Os amigos de Cráudio tanto quanto suas ações confirmavam uma sintonia de modos e motivos que era quase impossível que estes não se maravilhassem com a atenção particular a eles dispensada quando da desesperada necessidade de se confidenciar algo de forma evasiva pelas características verossímil e universal do enredo que era narrado com muita catarse.

A importância dos assuntos discutidos neste círculo de amizade era tão relevante quanto a própria sabedoria de Cráudio para a subsistência da autossutentabilidade dela própria.



Neste clima de amizade, a percepção nem precisava ser um dom, por isso, Cráudio nunca reclamou a sua ausência para tudo aquilo que não o interessava. **A** assessoria que lhe prestavam seus amigos fazia-o não apenas perceber, mas agir precisamente na direção definida por estes, desde que esta definisse a sua primeiro. **T**ais amigos, se não eram seus olhos, também, não se importavam de ser apenas seus ouvidos.

Finalmente, as supostas diferentes formas de pensar evoluíram para a ausência de qualquer forma.

Uma amizade onde os amigos acolhiam e cuidavam da glória do reino. **T**al glória não fazia caso dos desvios cognitivos dos amigos, pois, prejudicavam apenas aqueles que não comiam mortadela.

Prejuízo de plebeus que dá lucro ao reino é sempre nobreza aos olhos de quem pode percebê-lo assim e Cráudio percebia o lucro no corte translúcido das fatias.

Tal amizade contribuía, também, para as nuances do admirável amor de Cráudia; tão necessário para estabelecer a certeza de que existia nobreza nas ações de Cráudio.

Consciência tranquila era a marca impressa do oráculo e esta tranquilidade era constantemente divulgada por aqueles lábios que se faziam proprietários das muitas falas, além desta, e as repetiam, de diversas formas, muitas vezes, mesmo após terem proporcionado consequências opostas devido a perseverança própria dos libertos da moral.

Auspício, um dos amigos mais chegados de Cráudio possuía dentre muitos dons e talentos um que acreditava ser, além de fantástico, divino.

Por isso, descrevê-lo com linguagem humana já seria em si um ato de heresia digna de um veredicto real que certamente concordariam seus amigos sempre fiéis a tudo que se mostrava e também ao que não se mostrava as suas percepções.

Eles se orgulhavam da guia superior da sabedoria de Cráudio e se sentiam agraciados pela singeleza de Cráudia que lhes davam a graça de participarem nas decisões do reino construído em propriedades invadidas de estandartes vermelhos que não pouparam animais e nem vegetais.

Após a distribuição de mortadelas aos assentados sobre aquilo que não lhes pertencia a alegria fazia a fila tremular bandeiras que formavam constelações.

Auspício não tinha dúvida de que recebera do cosmos o dom da percepção das leis e o poder do martelo de Thor. **M**esmo com o coração cheio de vontade de declarar ao mundo sua gratidão por ser tão especial não ousou deixar de beber do oráculo do reino e o fez empunhando àquele poderoso martelo. **E**le audaciosamente acrescentou atributos ao oráculo; além da inteligência e sabedoria trouxe a competência.

A oratória de Auspício era cheia de descobertas novamente apresentadas, falava o que já era claramente sabido, porém jamais de uma forma diferente para que não fosse culpado por qualquer confusão causada no reino, mas as proferia com a incrível exatidão de forma e palavras ora ditas muitas e muitas vezes.

Esta estratégia era uma das marcas daquela sabedoria superior tão habilmente debilitada nas mentes daqueles que sobreviviam ao saneamento, talvez, pela glorificação que faziam em reconhecimento ao que nunca entendiam, mas sempre aplaudiam.

Além da precisão e da redundância, a percepção de Auspício também surpreendia ouvintes atentos ao momento das palmas. **A**s novas interpretações que fazia algo tão simples e há muito compreendido ocultavam possibilidades de entendimento e desviavam para outros frenesis de aplausos e glorificação isentas de cognição.

○ distanciamento entre as interpretações de Auspício das fontes que as geraram ninguém nunca foi capaz de mensurar, por isso, acreditava-se que seu dom advinha realmente do cosmos como poderá supor também o caro leitor.

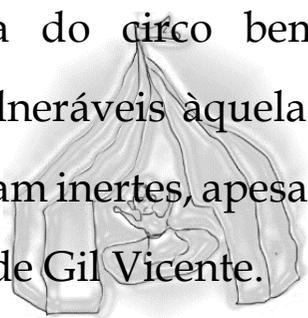
○ martelo de Auspício era compartilhado por mais dez amigos que traziam forças das gavetas que guardavam criptonitas radioativas e mortais a vilões que não ousaram desafiá-las.

Auspício desenvolveu grande habilidade em lidar com materiais radioativos ao longo de sua carreira tanto quanto manter amigos de outros reinos aliados ao reino de Cráudio que expandiu seus limites para um saneamento mais amplo.

Na realidade todos eles eram amigos de Auspício e, também, usavam o martelo de Thor para garantir que o próprio Thor não mais o usasse, pois a irradiação das criptonitas não o afetava de nenhuma forma ainda que as tentativas fossem muitas.

Diziam que as tais preciosidades bem guardadas em suas gavetas tinham sido trazidas de Asgard e haviam causado tão grande mal ao reino que Auspício e seus amigos logo trataram de instaurar sindicância que condenasse Thor mais do que apurasse as causas da radiação.

E na impossibilidade de se condenar o que não se apurava apelaram para o oráculo utilizando as técnicas discursivas repetitivas de Auspício e houve grandes espetáculos sob a tenda do circo bem ajustado às vozes dos vulneráveis àquelas criptonitas as quais se faziam inertes, apesar do espetáculo humanista de Gil Vicente.



Estavam todos seguros por estarem amparados no oráculo, quando Arturito brilhou irradiando força ao martelo de Thor através dos raios não ladrilhados que se socializavam em rede.

AS VIAGENS DE CRÁUDIO

Nas viagens necessária aos negócios do reino, adversos e diversos, empunhava-se o estandarte comum com temperatura de cor elevada na estrela e no todo contrastado com o branco da ausência de cognição percebida pelos agraciados com as dádivas que faziam sangrar os imbecis já desfalecidos por décadas.

Ao tremular a sagrada bandeira nas mãos e estruturas subnutridas pela escassez de mortadela se observava ao centro ferramentas necessárias ao que não se sabe ainda, mas impressionava àqueles que se assentavam em terra alheia.

Os reinos acolhedores de clima quente, vegetação de caatinga e cerrado com seres sofridos que sobreviveram ao reino de Cráudio não deram as mãos para que houvesse fortalecimento no assentamento, mas lutaram pela liberdade da razão enquanto o estandarte da diversidade tremulava freneticamente sua estrela orgulhosa de si.

No clima seco, sem vento e sem água heróis foram forjados até que finalmente recompensados com água do reino de Asgard pela força do martelo de Thor.

Cráudio empreitou viagem à terra sofrida para tremular a bandeira de seu reino... era tarde de verão e o tédio do mormaço sem brisa que o refrescasse fazia suar as gotas que caíam gotejando ping, ping, ping... no momento que Cráudio destilava calor insuportável e odor incontinente ainda que suportasse em parada para refrescar-se do calor da viagem relaxado no interior de seu veículo estacionado em busca da sombra da solitária árvore de outono remanescente do progresso recém-chegado naquela sofrida cidade que ainda se buscava o nome.

○ viajante sem destino pegou o próximo retorno para a caatinga sem ninguém que o orientasse na navegação que fazia no mapa de escala duvidosa; cheio de dobras que aumentavam as linhas cartográficas.

A sua pouca leitura se fazia, ainda, na embriaguez de bebida barata que produzia lentidão e calma de quem está certo de não estar perdido.



Sempre que o viajante parava para abastecer o carro, se alimentar, ir ao banheiro, descansar... sempre que pairava a certeza de algo pairava na dúvida de alguma coisa que o consumia de alegria pela oportunidade de mais uma vez poder refletir no caminho a seguir que estava adiante dele.  rumo era sempre o que menos importava nas situações que menos importam ao destino da aventura que se apresenta nas estradas que, se a nenhum lugar levasse, ao menos chegaria a algum que talvez agradasse.

○ fato é que nem sempre jamais alguém deixaria de aproveitar as paradas em uma estrada de viagem saborosa nos recantos que servem refeições e manguaça desesperadas da fome e sede do retirante.

Embora, dificilmente tivesse a clareza do destino e paradeiro de ambos, manguaça e viajante simplesmente se achavam nos acasos que por acaso aconteciam sem que o viajante usufruísse do benefício da refeição devido aos poucos que se tornavam multidão na aglomeração em torno da peça fatiada com fatias translúcidas para que nada impedisse a observação do estandarte sagrado.

Ao final da saga emancipada da razão, livre da opressão da inteligência e sóbria dos sentidos que definiam motivos dignos de nota; não se podia concluir hipótese alguma, contudo, as proposições que o retirante apresentava dava clareza de forma tão cristalina quanto àquela fatia de mortadela através da qual se via o futuro clarificado, mas confuso por causa da luz que ofuscava, embora trouxesse esperança de estar sempre lá a estrela do estandarte.

LITERATURA DA CONSTELAÇÃO

Como tudo na vida tem seu paralelo, o reino de Cráudio encontrou o seu no reino de Macunaíma que como a ave Fênix se reerguia das cinzas para questionar a sabedoria do Reino de Cráudio.

A voz do imbecis do reino eram personalizadas na urna que mesmo sendo manipulável não conseguia calar as vozes dos escrotos mesmo com suprema energia irradiada na mídia rouanet. **E**stes imbecis e escrotos se transformaram em uma constelação que passou se chamar Arturito cuja voz ecoou nas ruas, praças e valados com o grito do Ipiranga as margens dos poderes que nunca foram plácidos.

Casas verdes do Alienista roubavam vidas secas de Graciliano e até a cachorra baleia foi culpada de fazer parte do gabinete do ódio.

Queiroz dizia que era natural que uma vez que Arturito havia nascido na favela o cortiço seria o seu único destino.

Surge então, um movimento de imbecis e escrotos no reino de Cráudio que tirou o poder das emoções alteradas, das meias verdades que sustentavam mentiras inteiras e deu sentido à universalidade da ciência. **I**mbecis que sabiam ter algo e alguém maior que eles mesmos; Brasil acima de tudo e Deus acima de todos.

○ reino de Cráudio contava com Noronho que possuía as qualidades de Bacamarte, o Alienista de Assis para ignorar a voz de Arturito.

○ herói Macunaíma de Andrade era sempre aconselhado pela narrativas de Auspício que não provava nada, nem com documentos e nem com lógica discursiva, por isso o gramscismo nas repetições de mentiras até que se tornassem verdades retóricas era a grande habilidade de Auspício.

Um grupo descontrolado gritava “genocida” para convencer Arturito da culpa daquele que empunhava o martelo de Thor.

Tudo era feito com muita descrição e ética parlamentar. **O** decoro fazia coro com vozes incompreensíveis ao falante e, por isso mesmo, não fazia diferença se não tivesse ouvinte.

A observação de movimentos típicos de marionetes tornava irrelevante suas vozes inexistentes aos fatos, porém, sempre relevantes a metafísica do costume antropofágico visto através de sons guturais que se nada significavam, ao menos gritavam: “pela ordem senhor presidente”!



Narrativas denunciaram desvios humanistas que modificaram o seu enredo e fizeram do classicismo um ser renascentista como a Fênix que voltou a estar no centro dos temas abordados.

○ romance platônico se tornou piegas aos simbolistas e simplistas aos parnasianos, mas não trouxe esperança ao realismo naturalista e determinista que alienava os homens na casa verde.

Uma revolução tornou modernas as artes dos homens até se tornarem obsoletas nos cubos que se tornaram em lâmpadas iluminadas sem gênios que pudessem atender os desejos da humanidade.

○ iluminismo queimou o romance em praça pública que como Fênix renasce sempre de forma inusitada como aconteceu aqui no reino de Cráudio.

A ideia de Vicente, de que Deus atrasava a vida dos homens, estava implícita na mística literária que motivou o ódio e a queima de símbolos religiosos na idade das luzes que levou o modernismo ao cubismo digital. Àquelas lâmpadas que não adiantava esfregar o tanto que fosse, pois, gênio algum sairia delas. Na verdade, não se sabe ao certo se Cráudio foi um dos que saíram, pois atraiu a motivação de muitos.

○ cubismo do modernismo trouxe blocos de linguagens: blogs, sites, tudo em matrizes; essa formatação de enquadramento constituiu-se no reino da lacração onde Cráudio renasceu, também como a Fênix, com mais um elemento em seu oráculo, além da sabedoria do cosmos, e a inteligência do além, agora instrumentalizado com um sistema de enquadramento, a lacração, ou seja, o cubo, o deus do século.

Imbecis se tornavam em estrelas que formaram a constelação conhecida como escrota e aprenderam a estar acima de tudo porque puderam perceber de perto Deus acima de todos.

Arturito compreendeu que a única mente que jamais será enquadrada é a mente onisciente, onipresente e onipotente de Deus e, portanto, a única esperança de liberdade real e permanente. **A**s constelações de Vieira deveria nos fazer refletir sobre o ladrilhar dos homens no reino de Cráudio e as constelações no reino de Deus.

REFLEXÃO E MORAL

Certamente todos somos relutantes para aprender com as dificuldades que se apresentam diante de nós, contudo, são elas que pavimentam caminho firme para seguirmos adiante após as quedas causadas pelos obstáculos que a vida nos impõe.

As vezes tiramos de letra e as vezes não nos sobra letra para formarmos uma palavra sequer, contudo sempre haverá uma escolha após cada queda que a vida nos impõe.

Se escolhermos o oráculo humano da convenção para viver uma vida de devoção nos assujeitaremos a Cráudios, Cráudias, Noronhos e Auspícios, se almejamos uma socialização com os súditos de um reino cuja bandeira faz tremular a estrela de um doutrinamento seremos saneados.

Para alcançar a liberdade é preciso desejá-la a ponto de decidirmos ser sujeitos de nossa própria aprendizagem, livres da opressão cognitiva, da doutrinação, livres para refletir, para raciocinar, para escolher.

Poderemos nos proteger do poder das criptonitas tão bem guardadas na gaveta de Auspício, pois teremos a luz que não ofusca, mas torna claro o caminho para que todos que desejarem possam escolher andar por ele.

Se escolhermos causa nobre, de antemão, escolhemos de forma consciente as dificuldades que virão com a certeza de que nos fortalecerão.

Se escolhermos causa ganha, de antemão, escolhemos enganando a nós mesmos que tudo estava escrito nas estrelas e não depende de esforço algum de nossa parte um tal destino que certamente se apresentará.

É possível que o caro leitor não tenha se identificado com nenhuma das personagens desta narrativa, porém, ser ou não ser continuará sendo a questão por toda as nossas vidas.



